

© ZOOM //

TINDER.

NENHUM

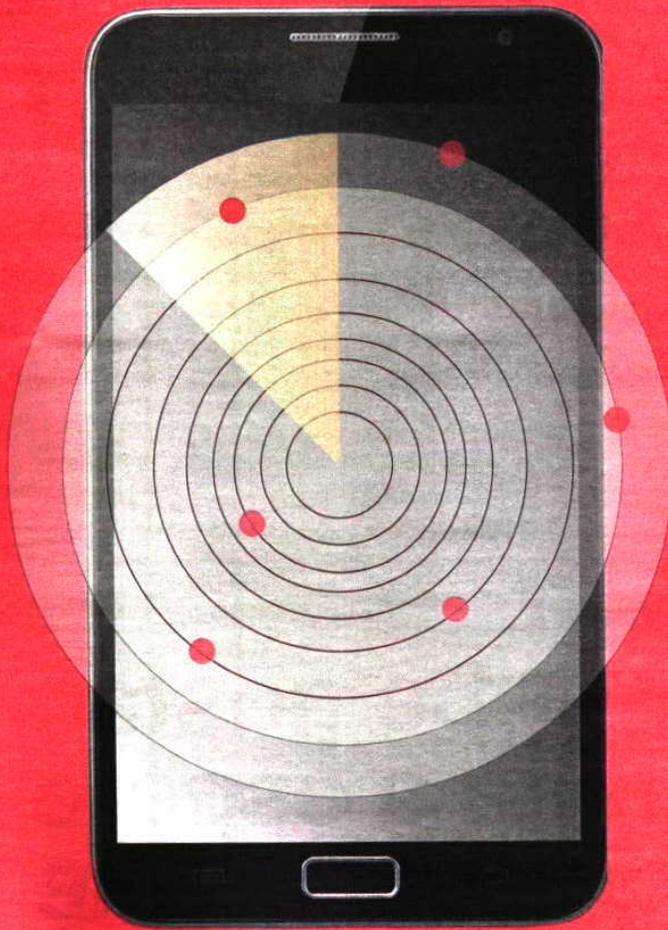
ENGATE

ESCAPA A

ESTE RADAR

Três passos para um engate bem sucedido: delimitar um raio de acção até 160 km, seleccionar as raparigas ou os rapazes que a sonda detectou e fazer figas para que do outro lado também o tenham escolhido. É simples e basta ter um smartphone com Tinder, a nova febre das redes sociais, que já contagiou 450 milhões de adeptos em todo o mundo, principalmente entre os adolescentes. A plataforma tem como objectivo promover amizades, mas os utilizadores portugueses avisam já os mais ingénuos que o sexo é a principal razão para ligar o radar

TEXTOS *Diogo Pombo*



O QUE FAZER E EVITAR PARA TER SUCESSO

- Esqueça os animais. As fotografias com o cão da família ou outra qualquer mascote em nada interessam quando o objectivo é procurar uma relação.
- Honestidade e actualidade. Lembre-se das palavras quando escolher as fotografias para mostrar ao mundo do Tinder. Ninguém gosta de ver uma imagem que pensa ser sua, e depois vê uma pessoa diferente quando se encontram na vida real. As fotografias têm que ser reais. E actuais – um recente inquérito do site MyLife mostrou que 86% dos participantes admitiram publicar fotografias desactualizadas nos seus perfis online.
- Não escolha imagens com crianças. Evite publicar uma fotografia sua com um bebé ao colo, pode dar a ideia errada e sugerir que está ansioso (a) para ter filhos ou acelerar a coisa para um grau mais sério. Isto caso queira que a sua fotografia seja empurrada para a direita.
- Não proponha um jantar ou almoço quando um match lhe der oportunidade de combinar um encontro. Se passado uns minutos não gostar da pessoa que o Tinder lhe apresentou, um restaurante não será o melhor local para se evadir e voltar atrás na decisão.



Tinder. Se gostar, vire à direita e espere que ela ou ele façam o mesmo

DIOGO POMBO
diogo.pombo@ionline.pt

Maioritariamente para sexo. O objectivo está definido desde Outubro e por isso Francisco pouco demora a revelar o uso que faz do Tinder. “Todos os dias”, e “várias vezes”, pega no iPhone, abre a aplicação e passa a decisão para a ponta dos dedos – fazer deslizar para um lado ou outro do ecrã as fotografias que lhe surgirem à frente. Enviá-la para a esquerda é dizer que não gostou, mas para a direita é sinónimo de querer conhecê-la. “Elas sabem que o sexo é 80% do motivo que as leva a usar a aplicação”, garante, ressaltando, porém, que também já fez amigas com o Tinder.

A finalidade é mesmo essa: conhecer pessoas. “Como na vida real, mas melhor”, diz o lema da rede social norte-americana (mais uma) que já está nas mãos de pelo menos 450 milhões de pessoas espalhadas pelo mundo – 54% das quais entre os 18 e os 24 anos. O logótipo, uma chama, e o nome – em português, o termo Tinder é traduzido por pavio – reforçam a ideia de atear uma relação. Só que

Em Portugal ainda não pegou, mas o Tinder já é moda nos EUA e “tiro e queda” no Brasil. E quem já usa a nova rede social de smartphones não tem dúvidas: é para o engate



Não é o objectivo do Tinder – pelo menos na descrição que tem no seu site. Mas um dos utilizadores que falou com o *i* diz que o sexo é “80% do motivo” para as pessoas usarem esta rede

CORBIS

Números

450

milhões de utilizadores que em Dezembro estavam registados na aplicação

54%

dos membros têm entre os 18 e os 24 anos

4000

match são feitos por segundo nesta rede social

primeiro há que estabelecer alguns parâmetros. Definida a idade e o género dos alvos, resta estabelecer o raio da pesquisa, que funciona como um radar e vai de dois a 160 quilómetros.

A sonda varre depois essa área e caça quem se encaixar nas preferências. Aí o utilizador tem de fazer escolhas. Quem optar por deslizar a imagem para a direita, tem de esperar que a outra pessoa faça o mesmo. Se o fizer há um *match*, os gostos coincidem e ambos podem iniciar uma conversa.

Só elas sabem até onde podem chegar. E Francisco, que protege a identidade com nome fictício, tem tido sucesso. “Ao todo”, contabilizou o emigrante de 25 anos, deve “ter tido uns 50 *matches*”, um bolo ao qual cortou uma fatia de 25 por não achar “essas mulheres interessantes”. Feita a raziá, meteu conversa com as restantes. “Dez não me responderam, escreveram só duas ou três linhas e deixaram de falar”, confessa. Sobraram 15 nomes entre os que deslizou para a esquerda. Combinou encontros com 11 e, para já, foi “para a cama com cinco”. As seis que sobram “ficaram amigas” ou

estão ainda em fase de “negociações”.

A conversa nasce no Tinder e a partir daí é à vontade dos recém-emparelhados. No caso de Pedro, com 26 anos e residente em Lisboa, a nova rede social não fez o truque: “Houve um *match*, achei-a super gira, meti conversa mas não respondeu.” Não desistiu. A partir dos amigos do Facebook, procurou o nome da mulher que lhe tinha retribuído o “gosto”. Insistiu e adicionou-a também na rede mais popular do mundo.

Aí a conversa apareceu e só acabou na cama. “Foi logo no primeiro mês a usar o Tinder”, conta, antes de avisar que, por Lisboa, a aplicação detecta “poucas portuguesas” e apanha “sobretudo raparigas que estão em Erasmus ou de passagem”. O *i* inquiriu a empresa sobre o número de utilizadores portugueses registados, mas não obteve resposta.

Ao que parece a moda ainda não pegou por cá, pelo menos na ala feminina. “Dos 70 gostos que recebi, apenas nove eram portuguesas”, lamentou Diogo (outro que preferiu um nome fictício), antes de elogiar uma plataforma que diz “facilitar a comunicação entre duas pessoas

que se considerem mutuamente atraentes”. Desde o Verão que a sua história no Tinder o guiou até dez encontros com raparigas: “Estive com sete, sendo que sexo não tive com nenhuma.”

Procurar atracção, engate e sexo. Pode o Tinder resumir-se a isto? Paulo Peixoto nada concluiu mas inclinou-se para o sim, mas com uma ressalva. “Acaba por ser usado por muita gente para apalpar terreno e medir o potencial em criar um relacionamento sério com alguém”, defendeu o investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Nunca tocou na aplicação e lembrou ao *i* que, afinal, não foi ela que “criou uma necessidade” – veio antes “permitir uma oportunidade para se concretizar” uma dinâmica que “já existe há muito tempo”. E fá-lo, prosseguiu, ao disponibilizar as ferramentas suficientes: baseia-se na imagem, e “basta” pois “é isso que capta a atenção” e permite “eliminar a vergonha”, um degrau que “numa situação de cara-a-cara seria muito mais constrangedor”. Ainda teve uns *matches* embora “não tenha falado com nenhum”.

Quem já tem o Tinder nas mãos saídas disso mesmo. “O facto de se basear na troca de mensagens” e “não no confron-

to inicial”, argumenta Diogo, faz com que a “interacção seja mais fácil”. Francisco acena com as palavras e concorda que a aplicação “torna mais fácil quebrar a barreira de ter de começar a falar com uma miúda”, ou vice-versa, além de “o tabu” do sexo “estar implementado automaticamente”. Ou talvez não. “É mais como se fosse a lista de pessoas disponíveis perto de ti”, diz antes Maria, de 25 anos, tendo como prova o mês que passou a explorar o Tinder. Ainda teve sete *matches* embora nenhum tenha acabado em conversa.

Desistiu quando “num raio de 160 km já não apareciam pessoas novas e interessantes”. As portuguesas”, defendeu, ainda “não usam a 100%” a aplicação “no sentido do tiro e queda como fazem no Brasil”. Acabam por ser “mais envergonhadas” e querem “uns dias de conversa e ela pegar, pode ser que role”, argumentou. Para Maria, o Tinder é “mais apelativo para os rapazes” pois “são menos pudicos”. Já Diogo falou na “mentalidade um pouco fechada” dos portuguesas para defender que a balança do número de utilizadores em Portugal pende para o lado dos homens. Francisco, idem.

Sejam homens sejam mulheres, todos têm de aderir para a moda pegar em Portugal. Até as pessoas que apenas procurem novas amizades, que Francisco acredita “serem uma minoria” e Diogo acaba por desmentir. “Se usa o Tinder, uma pessoa tem basicamente como primeiro pensamento o chamado one night stand”, justificou, e mesmo que depois de estarem juntos “surja uma amizade”, continuou, “será sempre encarada pelos dois como uma amizade colorida”.

Moda ou não, há uma carência que perdurará e Paulo Peixoto, investigador da Universidade de Coimbra, vê-a como motivo suficiente para alimentar o Tinder – “a necessidade que as pessoas sempre tiveram de uma escapadeira, de imaginarem que podem ser atractivas e sensuais”.

O raio de cada pesquisa pode ir de 2 a 160 quilómetros, e o Tinder detecta quem estiver nos parâmetros escolhidos

Já são 450 milhões os utilizadores registados na aplicação e mais de metade têm entre 18 e 24 anos